

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Curso de Formação Intercultural Para Educadores Indígenas - FIEI

Habilitação: Ciências da Vida e da Natureza

A MEDICINA DO SOPRO XAKRIABÁ E AS SUAS FORMAS DE CURA

Andréia Gonçalves de Oliveira

Terra Indígena Xakriabá

2023

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Curso de Formação Intercultural Para Educadores Indígenas - FIEI

Habilitação: Ciências da Vida e da Natureza

A MEDICINA DO SOPRO XAKRIABÁ E AS SUAS FORMAS DE CURA

Andréia Gonçalves de Oliveira

Percurso apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências da Vida e da Natureza no Curso de Formação para Educadores Indígenas.

Orientadora: Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Terra Indígena Xakriabá

2023

ATA DE APROVAÇÃO
A MEDICINA DO SOPRO XAKRIABÁ E AS SUAS FORMAS DE CURA

Andréia Gonçalves de Oliveira

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga – Orientadora

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Célio Silveira Júnior – Membro interno

Universidade Federal de Minas Gerais

José Araújo de Souza ou SereptéXakriabá, Deda – Membro externo

Escola Estadual BukMuju (Terra Indígena Xakriabá)

Belo Horizonte

Agosto de 2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus
E segundo meu avô
Pela sua luta na educação
Por isso hoje aqui estou.

Agradeço a minha mãe Delcina
Também ao meu pai Adão
Meus irmãos, irmãs, cunhados
A todos gratidão.

Aos meus irmãos
Muito obrigado
Pelo apoio
E por ter colaborado.

As minhas irmãs Nety e Maemes
Teve um papel fundamental
Mim ajudando com tudo
Até o com o emocional.

E Daia e Maia
Foram essenciais
Mim ajudando desde o começo
Até as considerações finais.

Debora Rodrigues foi incrível
E muito me ajudou
Com suas ideias boas
Ela o meu trabalho organizou.

Agradeço a minha família Gonçalves e Santiago
De todo meu coração
Pelo apoio e ajuda por chegar

Onde cheguei foi uma realização.

Muito obrigada aos meus colegas
Pataxó, Tucano e Xakriabá
Foram anos de muitas lutas e aprendizado
E em meu coração todos vou guardar.

Aos meus professores e bolsistas só tenho
Que agradecer por todo carinho e dedicação
Vocês fizeram parte da minha história
Nunca vou esquecer dessa união.

Agradeço meus caciques e liderança
E todo meu povo Xakriabá
Em especial a minha aldeia Imbaúba
Porque minhas raízes estão lá.

Foram anos de luta
E vários aprendizados
E hoje estar aqui foi mais
Um sonho realizado.

Deda, Dalene, tio Caboco, tia Preta e tia Severina
A eles por tudo gratidão
Vocês foram mais que importante
Na minha conclusão.

Meu namorado José
Só tenho que agradecer
Sei que não foi fácil mas sempre
Falou que eu ia vencer.

A minha família sempre foi minha base

Me mantendo de pé no chão
Dando força e coragem
Pra cumprir minha missão.

Meu sobrinho Talles
E meus afilhados Hawrê e Gael
Nesse processo eles também
Tiveram um importante papel.

As minhas colegas de quarto
Muito obrigada por me ajudar
Inclusive minhas tias
Um grupo de mulheres espetacular.

O meu trabalho falou do rapé
E das plantas medicinais
Que para meu povo
Elas são essenciais.

Foram muitas descobertas
Ao longo do meu percurso do rapé
Agradeço por cada pessoa que contribuiu
Transferindo conhecimento e fé.

E meu pajé Vicente
Desde o princípio me ajudou
Com todos os seus benzimentos e força
A cada dia me sustentou.

Ao meu pajé Deda
Ele foi o principal
Se não fosse ele meu trabalho
Não tinha início meio e nem final.

A minha orientadora Clarisse Alvarenga

Quero muito agradecer

Por sua paciência e dedicação

Meu trabalho não seria finalizado sem você.

RESUMO

Este trabalho apresenta a medicina do sopro Xakriabá e as suas formas de curar, no qual vou relatar sobre o rapé que vem se tornando muito importante para o nosso povo Xakriabá. É através dele que buscamos conhecimento e fortalecimento da nossa parte espiritual. O objetivo é deixar registrado essa prática, que vem sendo usada com mais frequência dentro do território Xakriabá. As entrevistas e conversas com anciãos mostram que a presença do rapé vem desde nossos antepassados e que era conhecido também como: simon, simonte, torrado. Este trabalho é de extrema importância para o povo Xakriabá, pois com esta pesquisa conclui-se que a medicina do sopro se tornou muito importante nos dias de hoje e fortalece ainda mais a nossa cultura e veio pra enriquecer nossos conhecimentos e ajudar na espiritualidade do meu povo e na revelação de dons dos nossos jovens. Conclui-se que o rapé tem nos ajudado muito na nossa luta em busca dos nossos direitos, frisando ainda que deve ser usado com responsabilidade e deve ser aplicado corretamente para não nos prejudicar. Busco com esse trabalho o registro dessa prática para garantir que as futuras gerações, tenham acesso a esse material e também é uma forma de incentivo para os jovens e crianças para que venham conhecer um pouco mais sobre o rapé.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Medicina do sopro; Ciências; Rapé; Povo Xakriabá.



Figura 1: DilsimKnire e Isabel

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1: DilsinKnire e Isabel.....	9
FIGURAS 2 e 3: Pajé Deda. Foto: Edgar KanaykõXakriabá.....	25
FIGURA 4: Benedita, conhecida por Preta, e José, por Caboco.....	37
FIGURAS 5 e 6: Dalene.....	49-50
FIGURA 7: Josselma.....	55
FIGURA 8: Dona Severina, a Tia Siva.....	56
FIGURA 9: Manjerona.....	64
FIGURA 10: Laranja braba.....	65
FIGURA 11: Hortelã.....	65
FIGURA 12: Fumo.....	66
FIGURA 13: Arruda.....	66
FIGURA 14: Arconfor de horta.....	67
FIGURA 15: Angico.....	67
FIGURAS 16, 17 e 18: Os rapés e os aplicadores.....	68-70
FIGURA 19 a 28: Nossa cultura viva: crianças usando rapé.....	76-80

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO	18
Capítulo 1: A MEDICINA DO SOPRO XAKRIABÁ	23
Capítulo 2: A TRANSMISSÃO DA SABEDORIA DO SOPRO	35
1. ENSINO PARA AS CRIANÇAS	44
Capítulo 3: A CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS	58
Considerações Finais.....	70
Referências Bibliográficas	73

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Andréia
E pertencço ao povo Xakriabá
Sou do município de São João das Missões
E a aldeia Imbaúba é o meu lugar.

Tenho 24 anos
E desde pequena sempre morei por lá
Venho de uma família simples
Me orgulho em falar.

São 36 aldeias
E 53 mil hectares aproximadamente
Temos 36 lideranças e 5 caciques
Que nossos direitos defende.

A minha infância
Era tão boa que vou relatar
Brincava com meus irmãos
E não via a hora passar.

Brincava de comidinha
Cabra-cega e de pião
Gostava também de observar
O que falava os ancião.

Minha mãe e meu pai

Sempre lutou para nos dar o melhor

Meu pai saía para as firmas

E ali tinha que dar o seu suor.

Ficava fora de casa

11 meses sem nos ver

Pois tinha que trabalhar

Para dar os filhos o que comer.

Passamos muitas dificuldades

Pois naquele tempo era complicado

Não tínhamos renda alguma

E por isso passávamos apertados.

Quando meu pai chegava

Era uma grande emoção

Trazia muitos presentes

Que alegrava nosso coração.

Minha mãe sempre cultivava

E me levava para ajudar

Colocava um pouco de semente na vasilha

E nós criança iam semear.

Aos sete anos de idade

Na escola fui matriculada

Comecei a estudar

Para ser alfabetizada.

Logo quando entrei

O ABC queria aprender
Que alfabetizava cantando
E as sílabas comecei a ler.

Estudando em um barracão
Que meu avô lutou muito para construir
Com a ajuda da comunidade que não
Mediu esforços para contribuir.

Depois de alguns anos a primeira
Escola na aldeia Imbaúba foi construída
Através de um projeto que nosso povo
Lutou para que fosse erguida.

No ano de 2012 formei a 8^a série
Então veio a maior dificuldade
Na minha aldeia não tinha ensino médio
Tive que deslocar para outra localidade.

Era uma aldeia vizinha
Que funcionava à noite para complicar
Tinha que andar muito a pé
Se eu quisesse me formar.

No ano de 2015
Com muitos esforços me formei
E então resolvi candidatar
Para o curso do FIEI.

Foram algumas tentativas

E não consegui
Mesmo assim pensei
Não vou desistir.

Quando foi em 2019
Resolvi novamente me candidatar
E no mês de março
O vestibular fui prestar.

No mês seguinte
Veio a confirmação
Fiquei muito feliz
Com a minha aprovação.

Então me ingressei na UFMG
E novos desafios fui enfrentar
Em busca de novos conhecimentos
Para a vida do meu povo melhorar.

Minha comunidade
Ficou muito feliz a falar
Passou mais uma da Imbaúba
Para ir lá nos representar.

Ouvi conselhos sábios
De lideranças, caciques e ancião
Sem dúvidas eles tem muito a ensinar
E seus conselhos são uma lição.

Ceguei na UFMG

E logo fiz muitas amizades
Conheci novas pessoas
E colegas de outras comunidades.

Tudo que estou aprendendo
Sem dúvidas vou levar
Para o meu futuro
E assim um dia poder repassar.

Quero descobrir novas coisas
E enriquecer meus conhecimentos
E guardar na minha memória
Todos os ensinamentos.

Conversando com o professor de cultura
Uma ideia ele veio me dar
Falou que eu poderia pesquisar
Sobre a medicina do sopro Xakriabá.

Porque na minha cabeça
Já estava com tema escolhido
Quando falei para ele por ser
Sagrado não podia ser desenvolvido.

Era sobre ervas do meu povo
Que eu queria abranger
E nesse contexto alguns pontos
Eu não podia descobrir.

Diante dessa conversa com ele

Eu pude observar
Que o caminho que devia seguir
Sobre a medicina do sopro Xakriabá.

É conhecido como rapé
Aqui dentro pelo meu povo
E para muitos
Esse tema ainda é novo.

É por isso que eu
Venho aprofundar
Para mostrar para jovens
A forma certa de usar.

O meu objetivo
É essa prática fortalecer
Por isso na aldeia Imbaúba
Esse tema venho desenvolver.

Quero aqui
Esse tema investigar
Para mostrar para a população
E tentar conscientizar.

Que o rapé
Nem sempre é só cheirar
Tem muitas doenças
Que ele pode curar.

Para o trabalho

Desenvolver

Muitas pesquisas

Eu vou ter que fazer.

Com pessoas da minha comunidade

Quero fazer

Relacionado a esse tema

Eles já têm o saber.

A minha relação com o tema

É basicamente curiosidade

Porque o rapé

É muito na minha comunidade.

Vejo mulheres, homens

E jovens a usar

E também algumas

Crianças Xakriabá.

AHIANTÃ!

INTRODUÇÃO

Escolhi este tema

Para um pouco tentar explicar

Falando do tradicional rapé

Que é o nosso método de curar.

Curar as enfermidades

E espiritualmente nos fortalecer

É com a força das plantas

Que buscamos aprender.

O rapé para meu povo

Só veio para nos ajudar

Através dele muitos

conhecimentos conseguimos buscar.

Não é apenas saber

de que forma usar

É entender a ciência

Através do aplicar.

Aplicar o rapé

Para a parte espiritual ajudar

Entender que essa ciência

fortalece e nos ajuda a lutar.

Quando falo da parte espiritual

São eles que nos guiam diariamente

falo dos nossos encantados

que nos dão força para seguir em frente.

Através dessa medicina

muitas coisas ainda temos a aprender

pois é através dessa ciência

que nossos direitos buscamos defender.

Ao escolher este tema
com a minha intenção de pesquisar
procurar os livros vivos
aqui do povo Xakriabá.

Gostaria na minha pesquisa
tentar entender
e buscar mecanismos
para essa prática compreender.

Compreender como ela chegou
e se tornou tão importante
gostaria também de relatar
e aqui quero registrar.

Através de entrevistas
fui tentar procurar
busquei jovens e anciãos
do território Xakriabá.

A medicina do sopro
temos que valorizar
nos fortalece para as batalhas
e nos dá força pra lutar

Nesta pesquisa vou registrar
e deixar bem explicado
o rapé não é brinquedo

tem que saber ser usado.

Muitas consequências pode ter
se não souber aplicar
não podemos usar de qualquer forma
pois a pessoa pode até desmaiar e vomitar.

Tem que buscar esse conhecimento
com o pajé da nossa região
para ensinar a forma correta
para não chegar nessa situação.

A medicina do sopro
vou fazer uma breve reflexão
deve ser usado corretamente
essa é a minha explicação.

Para realizar esse trabalho
resolvi pesquisar
fazendo fotos e vídeos
para essa prática registrar.

Resolvi jovens e ancião
ir até eles para conversar
pra entender um pouco
sobre a medicina do sopro Xakriabá

As entrevistas fui tentar fazer

depois de analisar
resolvi que era melhor
em poesia transformar.

Fui observando e trabalho
de campo também fui fazer
pra deixar registrado
pra isso não se perder.

Com o pajé
logo fui conversar
explicar o meu objetivo
pra ele me ajudar.

Daqui pra frente
preste muita atenção
vou explicar sobre o rapé
pra todos ter noção.

Falando do rapé
vou deixar uma breve apresentação
ele é a medicina do sopro
conhecido pelos nossos ancião.

O objetivo dessa pesquisa
em poucas palavras vou explicar
quero que as futuras gerações
esse material venha acessar.

Quero deixar registrado
para que todos possam entender
que o uso do rapé
veio para nos fortalecer.

Fortalecer a nossa cultura
e ajudar na nossa espiritualidade
devemos ter o cuidado com o uso do rapé
e usar com responsabilidade.

Busco entender nessa pesquisa
de que forma isso veio para nos ajudar
incentivando o fortalecimento dessa prática
para o nosso povo Xakriabá.

Com o objetivo de pesquisar
sobre essa medicina tradicional
que há muito tempo está no território
para fortalecer a parte espiritual.

1-A MEDICINA DO SOPRO XAKRIABÁ

A medicina do sopro Xakriabá vem sendo passada de geração em geração, e isso vai se confirmar através das entrevistas, nas quais pesquisei pessoas da minha comunidade que são referências nessa prática, tão importante para nós, Xakriabá. Através deste trabalho quero alcançar o maior número de pessoas possíveis desde jovens, crianças e adultos para que isso não se perca, contribuindo assim com o meu povo, fazendo com que os mesmos entendam o que é o rapé e compreendam como ele é importante pra nós.

O rapé hoje é usado com muita frequência, mas é algo que sempre esteve presente na nossa cultura, porém não era usado abertamente como é hoje. O rapé é produzido com plantas medicinais muito poderosas, que auxiliam na nossa cura espiritual. Para transformar em rapé as

plantas medicinais passam por vários processos até ficar no ponto certo de serem usadas. Porém não são todas as pessoas que produzem o rapé. Deve ser respeitada a ciência durante a produção do mesmo.

No nosso território a aldeia Imbaúba é o ponto de referência de fabricação do rapé , pois o pajé Deda é quem faz essa produção. O rapé tem vários benefícios para ajudar quando estamos gripados ou com febre, ajuda também na nossa ancestralidade. Além disso essa medicina se tornou muito importante para a nossa cultura e para o meu povo.





Figura 2 e 3: Pajé Deda. Foto: Edgar KanaykõXakriabá

Nosso pajé

Na minha comunidade
Temos o nosso pajé
Seu nome é José
conhecido por Deda
E na língua akweSerepté.

Produz rapé
Como ninguém
Para cura espiritual
E do corpo também.

Ele é conhecedor
De muitas ervas medicinais

Produz remédios

E alguns ensinados por seus pais.

Deda é um grande pajé

Um homem muito conhecedor

Faz bastante coisa e também é benzedor.

Benze crianças

Jovens e adultos

Não importa o dia

Faz isso com alegria.

Deda é professor de cultura

É um homem de muito saber

Trouxe o conhecimento do rapé

E muita gente ele ensinou a fazer.

Foi uma das primeiras pessoas

Da aldeia a aprender a fabricar

Incentivando até a forma de usar.

Ele trocou muitas experiências

Fez vários experimentos

Respeitando sua ciência.

Hoje na aldeia Imbaúba

Seu nome é o principal

Trabalhando com o rapé

E plantas medicinal.

Deda juntamente com tia Preta
E tio Caboco vem com esse fortalecimento
Trabalhando praticando e ensinando
Essa ciência de conhecimento.

Ele aprendeu com os mais velhos
Das duas aldeias e região
E ensinando para a
Nova geração.

As cascas são colocadas
As vezes até em morros para secar
Assim elas pegam sereno e sol
E mais forte ainda o rapé vai ficar.

Muitas vezes Deda leva
As ervas e cascas no morro para secar
Com determinado tempo
Elas estão prontas pra usar.

Deda, *José Araújo de Souza*ou *SereptéXakriabá*, como ele é mais conhecido, é professor de cultura e vem desenvolvendo esse trabalho em conjunto com os caciques, lideranças, pajés, fortalecendo as parteiras e a juventude Xakriabá. Ele é uma pessoa sábia e de muito conhecimento.

Pensando na questão do rapé a gente achou importante falar um pouco a respeito do rapé, porque o rapé também é medicinal. Ele envolve também a questão da espiritualidade. Quando a gente usa o rapé, o rapé é uma medicina do sopro, já tem que ir usando naquele pensamento de sentir curado, de se fortalecer o corpo e também o espírito. Através do espírito da planta consegue se fortalecer e tirar as dificuldades.

Deda fala que foi com os seus familiares que começou a usar o rapé.

Quando a gente começo mermo usar rapé, eu por exemplo usava quando era minha mãe ou minha vó que fazia. Quando acabava aqui o que minha mãe fazia eu ia procurar aqui mermo na imbaúba na casa dos parentes. Tinha uma tia minha que chamava Silú, né, e lá o marido dela pegava o rapé e arrumava aqueles chifre de gado e colocava o rapé. Arrumava uma tampinha de cabaça e ia enchendo de rapé, deixava conservado muito tempo. Quando ia acabando um ali já ia fazendo outro e despejava aquele vidro. O chifre era como um vidro. Destampava ele e fazia outro, pegava aquela merma concentração e tampava ali só usava quando tava gripado, com febre, alergia. Era esses ponto que eu tinha de referência, era tio Hilário, que é vizinho, aí com essas pessoa começo.

Ele fala que aprendeu a produzir o rapé trocando experiência com as pessoas que mais faziam e que mais usavam o rapé há alguns anos das aldeias mais próximas.

Eu consegui aprender com explicação da minha vó Maria Pereira, que chamava de Maria de Loro, porque o marido dela chamava Loro. Minha mãe também Aneli Cardoso Araújo, que chama de Mera. Elas faziam e deixavam conservado um tempão, ficava de ano uma garrafinha. Só usava naquele período que tava sentindo sintoma. Aí tive uma ideia, já tô trabalhando nesse acompanhamento aí eu preciso conhecer de muitas coisas que é da nossa cultura. Às vezes eu não consegui buscar, eu quero saber agora como é que faz o rapé. Eu sou uma pessoa novo será se eu posso aprender ou é só aqueles que é mais de idade que pode fazer. Porque uma pessoa mais novo, um jovem não faz o rapé. Aí quando perguntei, eles disse não, nois faz aqui, mais esses mais novo nunca procurou nós, num teve curiosidade de perguntar nós porque que gente usa rapé, se eles podia fazer também. Mas pra nós naquele tempo, né, o jovem por exemplo achava que aquilo de fazer rapé era missão de uma pessoa mais de idade, um ancião. Aí o jovem confiava que aquele mais velho sabia fazer e não precisava aprender. Veio esse pensamento, né, de que se eu puder fazer eu vou aprender. Perguntei tia Silú da Imbaúba, perguntei minha vó, perguntei minha mãe, perguntei tio Hilário, perguntei tio Vicente, perguntei tia Senhora de João Vinte. Como era eles era pessoa de família que fazia o uso mais frequente, quase todo dia. Ali no Morro Falhado também tinha um senhor que usava de vez enquanto, ele chamava seu Andalécio. Com ele lá não cheguei conversar com ele não. E ainda tinha seu Artur, lá do Peruaçu, e dona Joaninha, lá do

Peruaçu também. Essas pessoa que a gente via quando a gente encontrava com eles. Eles iam lá na beira do munturo e usavam lá e ficavam sentados lá um pouquinho e depois retornavam de novo. Tinha uns que, fumante, às vezes acendia um cigarro ali ou um cachimbo. E às vezes usava o rapé antes ou depois de fumar e ficava por lá um pouco. Mas ali ninguém perguntava qual era a importância daquilo. O pessoal ficava ali, 'eu não vou perguntar' vinha aquele pensamento 'não vou perguntar não vai que meu tio vai mim xingar ou minha mãe vai mim xingar'.

Os Xakriabá tinham muito isso, uma forma de linguagem que muitas vezes só de um olhar as pessoas já entendiam o que estavam querendo dizer. Um avô, uma avó, pai, mãe, tios apenas com um olhar diferente as crianças ou as pessoas mais jovens sabiam que não podiam interferir naquilo. Até hoje muitas coisas ainda funcionam assim: não é preciso nem abrir a boca e as pessoas já vão ter um entendimento. E por esse motivo naquela época tinha uma cisma muito grande de se perguntar.

E a partir do momento que veio essas doenças diferentes no mundo, que vem através do vento, as pessoas começaram a buscar soluções pra aquilo. Foi aí então que foram atrás de uma coisa que não era novidade para muitos anciões. Era uma coisa que eles já usavam mais era um pouco sigiloso, pois o seu uso era feito com muito cuidado e forma resguardada. Eles não usavam o rapé abertamente como se usa hoje. O seu uso era resguardado e bem distante de outras pessoas do mesmo convívio familiar. Também não se explicava o motivo do uso, como era feito, e nem seus benefícios. Era um uso bem restrito e controlado e só era feito em caso de precisão.

A gente via eles usar, mas o pessoal naquele tempo não usava abertamente não. Por exemplo mermo a gente sabendo que tinha aquelas famílias ali que usavam e carregavam aquelas latinhas no bolso, na hora de usar eles saiam lá pra beira do munturo e ficavam lá. Aí usavam seu rapé por lá e guardavam e voltavam pra prorear de novo.

Mais aí quando chegou esse momento que o pessoal viu que essa doença diferente foi aproximando, aí tinha uns que começou oferecer. Uns já chegava e falava 'usa um simonti, torrado ou rapezinho aí, moço, o rapé serve pra isso e pra aquilo' e foi divulgando dentro da aldeia. Ai começou explicar pra que que servia, porque o Xakriabá não era muito de explicar né. Ele tava mais naquilo de guardar o conhecimento dele ali e conservar pra um momento

mais preciso. E a partir do momento que foi divulgado esse conhecimento ajudou muitas pessoas a ter uma saúde de qualidade.

No tempo da pandemia tudo ficou mais difícil para o nosso povo. Tivemos que ficar parados dentro de casa, não poderíamos estar indo até as cidades vizinhas, estava tudo fechado. E através de uma conversa entre a nossa organização interna foi decidido fechar todas as entradas do nosso território Xakriabá. Então até o momento estávamos todos muito preocupados com esse vírus. E a nossa população estava procurando formas de amenizar a contaminação. Muitas famílias faziam seus preparos com banhos, chás, entre outros. Nesse meio tempo veio uma ideia de usar as ervas que já vinham sendo usadas no combate de falta de ar, gripe, dores de cabeça, febre etc. Mais de uma forma diferente do que já era acostumado aí o rapé foi uma das soluções para evitar a contaminação em grande escala.

Um dava um nome, outro dava outro, aí veio esse tempo da epidemia e as pessoas se calaram dentro de suas moradias e ficavam sem saber o que fazer. Até na cidade ficava difícil do pessoal chegar. Tanta doença que vinha pelo mundo, onde a pessoa ficava com medo de sair e adoecer lá e de contaminar outra família. Até na própria aldeia as pessoas ficavam com medo e ficou um bom tempo sem sair, né, usando máscaras, sem cumprimentar uns aos outros, de abraçar e o pessoal ficava naquele receio, pararam os movimentos. E foi aí que tiveram essa ideia de usar o rapé. Começou oferecer pros parentes principalmente aqueles que estavam com algum sintoma. E aí foi quem fazia o uso do rapé que falava assim 'eu vou levar e vou estar com ele se alguém precisar'. Se eu vir alguém com algum sintoma eu sei que através do rapé vai curar esse sintoma, já curou de pessoas parecido.

E ainda tinha muitas pessoas que não conheciam e tinham receio de usar. Por falta de conhecimento não entendiam como era o seu funcionamento.

Aí tinha uns que falava que não iam usar por causa que tava gripado, tava com dor de cabeça e não podia usar. Mas eles não sabiam que o rapé era bom pra tudo isso. Uns falam que o rapé serve pra isso e pra aquilo. Aí através do sintoma que ele tiver sentindo, ele usou o rapé e sentiu bem, aí você pergunta ele se deu certo. Aí o pessoal começou a entender que o rapé fazia todo esse desenvolvimento. O rapé foi surtindo efeito e as pessoas começaram a olhar com bons olhos essa aproximação e valorização do rapé aqui no Xakriabá.

Até mesmo no município e nas cidades o uso do rapé tem aumentado bastante. Tem tido uma grande procura pela compra do produto. E hoje o rapé já é transportado para outras regiões sendo muito procurado dentro e fora das aldeias. O consumo e comercialização tem aumentado muito. As pessoas começaram a se sentir curadas de muitos problemas e até mesmo no combate a Covid-19 o rapé foi um grande aliado do nosso povo para curar esse vírus.

Com isso a procura pelo rapé foi muito grande, e as pessoas que faziam não estavam dando conta de suprir as necessidades. Faziam uma quantidade boa e não demorava muito logo esgotava tudo, era muito rápido. E com as tarefas do dia a dia ficava um pouco corrido fazer para suprir todas as demandas. Como a procura não diminuía, os fabricantes de rapé tiveram uma ideia de cobrar uma taxa pelo serviço. Até mesmo porque muitos compram fumo em outras localidades e isso gera um custo maior.

Essa taxinha que vamos cobrar aqui não é pra explorar, nem aproveitar da fraqueza de alguém, só porque ele num sabe não é por causa disso. É porque tá gerando um tempo maior da pessoa fazer, né, então precisa. Tem pessoa que faz o rapé na aldeia, né, e o fumo é produzido ali mesmo em algum plantio. Mas não é todas as aldeia que planta fumo. Aí precisava comprar o fumo e o custo que é cobrado dos vendedores de rapé, hoje é equivalente mesmo só pra pagar o fumo nem vai cobrir o tempo da pessoa fazer. Mas ali a pessoa pensando bem na situação do parente, no resultado, compra o fumo do outro parente mesmo quando tem naquela aldeia, aí faz pro parente e também pras cidades vizinha. O pessoal procura bastante eles tem esse conhecimento.”

Tem rapé que é utilizado pra pessoa a pessoa fazer a viagem espiritual. Um dos primeiros sinais quando usa é que ela consegue perceber algo mais diferente.

Das pessoas que faz o uso do rapé consegue fazer ter essa visão, consegue sentir esse tocar do vento que é diferente. Eu por exemplo quando faço o uso do rapé os primeiros sinais da espiritualidade vem do vento, o arrepio nos pelos, nos braços, no pescoço e aí parte do corpo sente uma sensibilidade. O sentido do vento é diferente. Após fazer o uso do rapé a pessoa se concentra, fecha os olhos, e se concentra no momento de silêncio. A pessoa, através desse vento que vem, a pessoa consegue receber miragem que vem pelo vento da natureza e dos nossos ancestrais. E através disso é desenvolvido e ela recebe essas miragens. Tem pessoas que

conseguem receber, não é todos mas os iniciantes recebe essas miragens consegue transmitir aquelas miragens que foi recebida, né.

Deda fala também das variações de qualidade do rapé. Não são todas as plantas que vão surtir o mesmo efeito. Então por isso que se trata de uma medicina de sopro, por que é uma forma diferente de cura. Pra cada situação que o nosso corpo enfrenta tem um rapé indicado. *“Tem pessoa que as vezes não tem sintoma nenhum, já usa como prevenção de muita doença que vem do vento. E aí quando usa o rapé purifica seu corpo, fica com o corpo fechado para livrar de doença que vem atingir nosso corpo.”*

Ele fala também dos cuidados que devemos ter e da conservação das plantas usadas para fazer o preparo do rapé. São muitas ciências envolvidas para se obter uma boa qualidade do produto.

Tem essa diferença, porque o rapé fica mais fraco ou forte, tem aver também com os dias da semana que se faz o rapé. O vento favorece, venta mais pouco, as vezes tem direcionamento daquele vento que não tira muito o efeito daquele rapé e das plantas que são usadas. Aí pra fazer a preparação do rapé é acompanhado pelos dias mais fortes da semana e pela ciência quadras de lua. Nos fim de semana não é muito recomendado fazer a preparação do produto. Se caso tenha alguém que faz no fim de semana, a principal coisa é tirar o remédio num dia preparado da semana. E pra secar pode ser qualquer dia, mas pra fazer a mistura até no fim de semana a gente faz. Mas todo processo de buscar na mata, de separar o remédio da terra pra chegar o vento pra cima, então ele precisa ser tirado no horário mais frio pela manhã ou detardezinha. Tirou e separou da terra mais alto do vento pra cima, aí pega esse vento tá mais equilibrado a temperatura. Não pode chegar lá no meidião e tirar a planta pra fazer o rapé, porque que não pode fazer isso? O corpo de quem vai buscar sente e aquela planta que tirou ali também vai sentir, dependendo da planta pode até morrer. Porque o tempo esquenta ali e o vento quente que vem daquele horário um vento mais aquecido faz com que a planta e a pessoa sintam. É preciso estar com o corpo preparado. Faz essa preparação do corpo, usa um pouco do rapé pra busca das plantas, né, pra achar aquela planta com mais facilidade. No horário certo vai favorecer e vai fortalecer a planta e o corpo de quem vai em busca dela. A pessoa vai se sentir forte e quem usar vai sentir curado e preparado pra enfrentar muitas batalhas e não adoecer com facilidade. Por isso é importante ter toda essa preparação.

Para obter a cura, o rapé deve ser feito da forma correta e indicada e também respeitar o intervalo de tempo recomendado. Não deve exagerar na quantidade. Fazer o uso adequadamente para não prejudicar a saúde. Todos esses conjuntos de cuidados, ciência e preparação são essenciais para que o processo do rapé tenha qualidade e eficácia. Mantendo todos esses cuidados o rapé se torna forte e traz cura para o corpo e para a mente. Essa medicina desde as antigas gerações vem trazendo diversos tipos de cura e transmitindo mensagens para nosso povo Xakriabá.

É necessário fazer uma avaliação das plantas medicinais, porque tem algumas plantas que não combinam com outras, algumas são quentes e outras são frias.

Avaliar qual é a que dá certo uma com a outra, pra que serve a planta, né, por exemplo: se tem uma pessoa que sente problema de gastrite, tem pessoa que depois de alimentar começa a queimação, uma azia, aquela água na boca e aí vai passando e a pessoa acha que é normal. Daí a pouco vai deixando passar e forma uma dificuldade muito difícil no estômago da pessoa. E aí fazendo a utilização do rapé no tempo certo, no período de manhã, meio dia e detardzinha já no começo da noite, três vezes ao dia, mantendo esse equilíbrio de fazer esse intervalo para recebimento de uma cura que a pessoa tá sentindo no corpo. Tem toda essa questão desse intervalo né, não exagerar. Porque se usa de forma correta a pessoa se sente bem, se usar incorreto, pode correr o risco de prejudicar. Se usar em excesso mais equivalente daquilo que for permitido, né, pode sentir um efeito que não é esperado no momento; então por isso é recomendado fazer o uso três vezes ao dia. Pode até fazer mais, mas tem que ser de acordo com a indicação. Mas o principal é que seja três vezes.

O rapé ajuda a curar muitos problemas de saúde, basta ter fé e usar corretamente que o rapé vai fazer efeito. Ele ajuda na parte intestinal e também a tirar dores das juntas, dores de cabeça, alergia de muitos tipos, enxaqueca, falta de ar, dores de ouvido, dores de pontada, reumatismo, resfriado, coluna, dores de barriga, cólica, gás preso, ferimentos, fraqueza, entre muitos outros problemas. Para tudo isso o rapé é solução, essa medicina do sopro envolve muitas ciências e cuidados. Para fazer o uso do rapé é recomendado que saibamos a origem do rapé, de onde veio, quem fez, esses são alguns fatores de qualidade do rapé. Quando compramos um rapé de longe é sempre bom ter esses cuidados, pois é mais confiável usar rapé de pessoas que você conheça para não correr risco de ter algo a mais que você não tenha costume de usar.

Todos os remédios servem para uma cura diferente por isso é importante saber qual o problema a ser tratado e quais os remédios podem ser usados em cada caso. Tem algumas plantas que são brancas e não combinam com outros tipos de remédios. É preciso fazer a combinação certa das plantas de acordo com as combinações de cada uma. Ou, caso contrário, os efeitos não serão os desejados, podendo gerar alergias ou outras reações no corpo.

O uso do rapé vem aumentando cada vez mais dentro do nosso território, além dele curar doenças ele ajuda no nosso povo contra as drogas. O uso do rapé frequente tirou muitos jovens do caminho das drogas. Essa medicina nos ajuda a auxiliar a juventude para permanecer no caminho da luta e do progresso, tirando dos vícios e dando visão nova de mundo. Através disso e de todo esse conjunto de cura, as pessoas começaram a olhar o uso do rapé com um olhar totalmente diferente. Começaram a entender o seu verdadeiro significado e como ele é importante para o nosso povo. E como o rapé faz também para a saúde esse conhecimento está se expandindo cada vez mais dentro das nossas aleias e em todo o território Xakriabá.

Antes o uso do rapé não era feito com aplicadores, os mais velhos colocavam na mão ou no dedo e faziam o uso puxando com o nariz mesmo. A prática do aplicador foi aprendida durante viagens e em trocas de conhecimentos com outros povos indígenas, durante um encontro com pajés que Déda participou. Com isso o uso do aplicador foi introduzido na nossa cultura.

A gente fazia o uso do rapé era só tirar da latinha, colocava no dedo e aqui e puxava, às vezes uma quantidinha colocava nas costa da mão e tampava a broca do nariz de um lado, e aí puxava do outro lado, e assim fazia o uso e era quase o mesmo efeito e aí ficava. E lá quando teve esse encontro, através disso tive a ideia. Não cheguei a perguntar eles como que fazia não, mas aí a gente já encontrava em outro momento cultural com outros parentes. Aí foi onde a gente identificou por exemplo que nem só Pataxó usava, o Xakriabá usava, mas de forma diferente. Tinha outras etnia, a gente encontrou com várias etnia e conseguiu entender esse costume. E que tinha essa aproximação com nosso conhecimento que através de fazer o uso tinha seus efeitos. A gente conseguiu entender ver o forte que tinha o rapé. E através disso foi o momento que foi repassado pra outros companheiros de outras aldeias. E aí muitos hoje fazem e repassam e também vendem lá pra fora. Não é pra ganhar dinheiro em cima disso e viver da comercialização e fabricação de rapé. O rapé é uma coisa que é feito pensando na cura de quem for usar, precisa ser um rapé de qualidade.

2-A TRANSMISSÃO DA SABEDORIA DO SOPRO

A medicina do sopro Xakriabá é uma prática muito usada em todo território e cada vez vem aumentando mais. O uso do rapé, muitas vezes, é feita de forma inadequada.

Antigamente o rapé era conhecido pelos anciões como simô e também por torrado e outros nomes que desconhecemos, por que ele vem de geração, e cada geração ele recebeu um nome diferente.

O rapé é conhecido também como uma chama de amor, de união, pois onde tem uma pessoa com um vidrinho de rapé tem pessoas se aproximando para compartilhar o mesmo, e daí os indivíduos já começam a fazer amizades, não importa se é da mesma aldeia ou de aldeias diferentes, muitas vezes até de outros povos, essa é a união dos nossos mais velhos. Ele ajudou o povo Xakriabá a descobrir a sua espiritualidade, pois o nosso povo estava com ela guardada e não sabia como usar então o rapé ajudou muito nessa parte para desvendar novos conhecimentos.

Essa medicina ajudou o nosso povo indígena a descobrir a sua nação, porque o rapé nos dá uma sensação boa, um alívio, são remédios medicinais que fazem bem para a nossa saúde e são feitos totalmente à base de ervas.

Nos tempos antigos, o rapé era bem sigiloso, as pessoas já usavam mas não era em qualquer lugar que podia usar. O uso era feito em pequenas quantidades, tinha todo esse cuidado para não exagerar, pois isso podia trazer consequências futuras.



Figura 4: Benedita, conhecida por Preta, e José, por Caboco

José e Benedita é um casal
Que vive na minha comunidade
Pra encontrá-los pergunta por Preta e Caboco
Que não vai ter dificuldade.

Produzem uma grande
Grande quantidade de rapé
E vende na comunidade
São de excelente qualidade.

Para seus filhos
Eles vem ensinar
Modo de produção
E que é preciso resguardar.

Resguardo esse
Que tem a ver com rapé
Não é apenas produzir
Tem saber como é.

Como é que se faz
com as ervas especiais
Guardando os segredos
Que não se revela jamais.

Pois faz parte
Parte dessa medicina
Que nem todos devem usar
É isso que nossos velhos ensina.

Por não estar preparado

Muitas coisas podem ocorrer
O mais perigoso delas é
Um indivíduo de corpo aberto morrer.

Segundo a senhora Maria Benedita cita em um pequeno trecho da sua entrevista:

Quando e comecei eu já sabia que tinha ele, mais eu num sabia fazer não, foi cumpade Déda que trouxe pra mim experimentar o rapé e daí não me afastei mais dele. Aí veio várias ideias pra mim fazer outro. Primeiro fiz com remédio de horta e só depois fiz com ozoto. A gente mistura ele várias vezes, tem muito remédio que eu misturo, tem vezes que eu misturo de três a quatro tipos de remédio. Mas tomando cuidado pra não misturar as erva que num combina, porque tem erva que num combina com as outras senão ela pode causar algum problema para a pessoa que vai usar.

Nessa situação existem as ervas quentes e as ervas frias. Elas não podem se misturar, porque elas não combinam e podem trazer problemas para as pessoas. Outra coisa que não pode fazer é lavar o rosto assim que terminar de fazer o uso do rapé, porque isso pode causar grandes problemas como inchaço no rosto, dores de cabeça, entre outros.

Essa medicina é muito usada pelo povo indígena para tirar vícios, pois o rapé faz com que as pessoas não sintam a necessidade de experimentarem outra coisa que vai prejudicar a sua saúde. O rapé é feito de ervas que são essenciais tanto para o nosso corpo quanto para a mente, então ele impede que as pessoas têm o contato com outras coisas que não vão fazer bem. Assim cita dona Maria Benedita:

Porque às vezes as pessoas têm um vício de se drogar, aí no intervalo que vai dando do rapé vai tirando as coisas ruim da mente e vai incluindo na nossa cultura e vai libertando ele até mermo de bebida alcoólica, e vai trazendo um juízo mais normal e sempre vai seguir a natureza dele pra lidar com a vida. O rapé é uma caixinha que tava guardado no fundo sem sair e nós só colocando coisa por cima e não deixava ele sair para espalhar pro povo ver. Essa é a principal função do rapé não deixar o povo viciar em outra coisa além dele porque ele faz tão bem pra nós.

Aqui no território a maioria das pessoas usam rapé, desde criança até os anciões, essa prática vem crescendo cada dia mais. Hoje em dia os pais já ensinam seus filhos a usar o rapé.

O rapé não serve só para a gente cheirar se for usado da forma correta ele cura vários tipos de doenças, até mesmo para ferimentos ele serve, porque contém muitos remédios anti-inflamatórios que ajudam na cicatrização dos ferimentos.

Quando uma pessoa usa o rapé sem aplicador o seu efeito é um pouco menor, pois o rapé só vai até na metade da cabeça. Agora com o uso do aplicador seu efeito é bem maior, ele roda todo o corpo causando grandes efeitos e sensações. Se por um acaso acontecer de pessoas se sentirem mau com o rapé e só colocar o pé no chão e deixar a natureza fazer a sua parte. Porque ao colocar o pé no chão sua energia renova pois está em contato direto na natureza de onde vem as nossas forças que é da terra.

O rapé foi bastante usado durante a pandemia, por ser a base de ervas. Meu povo acreditava que ele combatia o vírus da Covid-19. Nesse tempo a procura pelo rapé cresceu bastante dentro do território Xakriabá.

A produção do rapé é feita em grandes quantidades e vendido em todo território. Existem vários tipos de rapé como cita o senhor José Ferreira:

Pegamos vários tipos de remédios que são bons pra fazer rapé, que serve pra sinusite, outro que é bom pra dor de cabeça de pontada, dor de estômago, resfriado, resguardo quebrado, suspensão e outros incômodos que as pessoa sentem. Pra tudo isso a gente faz o rapé que é bom pra combater. O rapé pra quem cheira demais eu faço uma quantidade de remédio com três tipos de remédio, como angico, arueira e outro remédio. Esse tipo de rapé é pra farra mermo. Aí no outro vou pegar sete qualidades de remédio como: unha danta, quina, sucupira, cipó de trindade, alho brabo, maracujá, imburana. Dessas sete qualidades de remédio quem saber não vai usar direto, já usa mais pouco durante o dia porque se for usar demais é perigoso fazer até mau. E já o rapé de proteção é só pra poucas pessoa que podem usar e é bem pouco que pode usar durante o dia.

O senhor José nos conta um pouco sobre o processo de produção do rapé nesse trecho:

As erva é torrada no fogo e o fumo é colocado no sol pra secar. Aí eu piso no pilão e o último passo é cessar numa peneira e depois passar num pano bem fininho, isso dá muito trabalho. O rapé gasta muito energia espiritual da pessoa que faz, tem hora que a gente chega a ficar de

zói fundo com tanta energia que perde. O rapé pode ser feito com fumo ou sem fum,o vai depender mais do que a pessoa pedir.

CHAMA DE AMOR

Ele recebeu um nome diferente
Em cada geração
Conhecido como chama de amor
E de união.

Em cada geração
Seu nome modificou
Ele recebia vários nomes
Mais a sua forma nunca mudou.

O nome rapé é novo
mais antes outro nome recebia
Torrado,simon e simonte
Era assim que os mais velhos conhecia.

Era bem sigiloso e não era
Em qualquer lugar que podia usar
Tinha um determinado tempo
E em beiras de munturo tinha que sentar.

Tinha que usar afastado
Para melhor concentrar
Todos entendiam e sabiam respeitar.

Só usava quando
Tinha alguma necessidade
Tipo dores e cabeça
E outras fermidades.

Sempre foi muito sigiloso
E não podia usar abertamente
Tinha que ter esse controle
Para se concentrar totalmente.

Faziam o rapé
E por um tempo ele era guardado
Tinha que saber usar
E manter esse cuidado.

Tinha uns que guardava
O rapé em algumas latinhas
Se por acaso precisasse
Já sabiam onde tinha.

O rapé tava numa caixinha
E ninguém deixava espalhar
Foi ai que esse conhecimento
Espalhou e veio pra ficar.

Trazendo coisas boas
E fazendo união
Juntando povos e etnia
De toda nação.

Naquela época os jovens
Era cismado em perguntar
Então se visse um mais velho usando

Sabia que era melhor só observar.

Observar e ficar atento
Pra no tempo certo aprender
Sabendo que aquilo ali
Um dia ele ia entender.

Sabia que aquele uso
Tinha alguma função
Mais no tempo certo
Ia saber a sua precisão

Naquela época cada família
Fazia o seu próprio torrado
Não compartilhava muito
Porque era feito e guardado.

As famílias usavam
Somente em caso de precisão
Quando sentia alguma coisa
O rapé era parte da solução.

Ele sempre esteve presente
Desde as antigas gerações
Curando doenças
E fazendo revelações.

Revelação e dons
Da nossa cultura
Mostrando coisas
Da nossa geração futura.

Para cada tipo de problema

Tem um rapé indicado
Colhendo as ervas certa
E depois fabricado.

Essa medicina é muito usada
Pelos povos indígenas para dos vícios curar
Pois o rapé também tem essa função
E nos ajuda conscientizar.

A sua produção
Gasta muita energia espiritual
Por isso é bom preparar antes
Para não passar mal.

Primeiro começamos a usar
Bem pouquinho para acostumar
Com o tempo com essa quantidade
Você vai aprimorar.

Nas primeiras vezes que usamos
Não tem explicação
O rapé age de uma forma
E te deixa sem chão.

Uma experiência muito boa
E uma leveza especial
Ele vem trazendo vários arrepios
E um alívio mental.

Com apenas uma aplicada
Você vai para outra dimensão
Isso é muito bom
Da até alívio no coração.

Fazer o uso do rapé
É absorver os espíritos da natureza
Trazendo cura para a alma
E o corpo fazendo limpeza.

A limpeza que eu falo
É também uma forma de descarregar
Toda a energia negativa
Que o corpo vem acarretar.

Cada um tem uma forma
De absorção diferente
Uma experiência única
Que só quem usa sente.

É preciso preparar para receber
Precisa ter muita concentração
Ninguém usa rapé espiritual
De qualquer forma não.

2- ENSINO PARA AS CRIANÇAS

As crianças usam
Com a mãe ou o pai para aprender
Evitando usar sozinhas

Para nada acontecer.

É desde pequeno que se aprende
E isso vem de geração
As crianças tem um papel
De repassar a nossa tradição.

É ensinando que se aprende
Por isso temos que ensinar
Para as nossas crianças
A forma certa de usar.

Usar com responsabilidade
E também saber respeitar
Essa medicina
Aqui do Xakriabá.

Hoje em dia algumas crianças
fazem seu próprio rapé pra usar
Escolhe uma erva mais simples
E começa a fabricar.

As crianças fazem o uso
Em pequenas quantidades
E não pode exagerar
Senão os efeitos podem contrariar.

Já ensinamos os nossos pequenos
Desde novo o rapé utilizar
Pois ele é muito importante

Para das doenças nos livrar.

As crianças

Também precisam saber

Que tem resguardo

Para eles conhecer.

Não apenas

Usar por usar

Tem que saber

Porque utilizar.

As crianças são observadoras

E não deixam nada passar

No caso de dúvidas

Elas vão procurar.

Procurar saber

Para melhor se informar

O conhecimento é assim

Que começa a multiplicar.

Na prática do rapé

Muitos aprendem no olhar

É algo que não tem

Como explicar.

Pois as nossas crianças

São passado, presente e futuro

Assim os nossos velhos falam

Para os nossos conhecimentos não ficar no escuro.

As nossas crianças

É a garantia do repasse do conhecimento

Entre pais e filhos

Na fase do crescimento.

Não apenas crescer no tamanho

Mas no conhecimento

Trazendo para a vida

Um grande ensinamento.

As crianças Xakriabá

Tem um olhar observativo

Prestando atenção

E obtendo informação.

Só através

Do olhar se aprende

Essa é uma forma

Que só a gente compreende.

Uns aprendendo e outros ensinando

Assim o conhecimento prevalece

É uma tradição que cada vez

Em nosso povo fortalece.





Figura 5 e 6: Dalene

Dalene

Dalene é uma jovem
De grande conhecimento
Ela sabe da realidade do seu povo
E do Seu pertencimento.

O uso do rapé
Poucas mulher costuma usar
A minha entrevistada se chama
Dalene e conhecida de KepdiXakriabá.

Ela faz o uso do rapé
Com frequência
Não em qualquer lugar
E exige bastante paciência

Ela falou do conhecimento do rapé
E também do seu consumo
Alguns que ela usa só tem ervas
E outros contém fumo.

A sua filha usa rapé
Ela tem cinco anos de idade
A mãe mesmo aplica
Porque ela sabe a quantidade.

O rapé ou simonti desde
Muito nova ela começou a usar
Sua mãe que preparava
Com ervas do lugar.

Ela está no processo de aprendizagem
Da fabricação do rapé
Conhecendo as ervas principais
Ela vai aprender rápido com muita fé.

O uso do rapé ajuda
Ela se concentrar
Para as suas tarefas

E trabalhos realizar.

Ele traz leveza

E concentração espiritual

É uma cura vem

Das plantas medicinal.

Em épocas de pandemia

O consumo do rapé foi usado intensamente

Trazendo muitos benefícios

Para o corpo e a mente.

Tem alguns tipos de rapé

Que em qualquer lugar não pode usar

Temos que ter esse cuidado

E sempre respeitar.

O uso das mulheres

É mais reservado

E também é

Um uso mais moderado.

Se observarmos

As mulheres não usam

Em qualquer lugar

Primeiro elas tem que se preparar.

Descalças e de pé

No chão

Descobri isso através

De observação.

Observando as mulheres

Nessa pratica do uso rapé
Percebi quanto
Cuidadosas elas é.

DaleneKepdi é uma jovem ativa na luta do meu povo. Ela é da minha aldeia imbaúba, uma pessoa que já faz muito tempo que vem fazendo o uso do rapé. Em uma entrevista com Dalene ela conta como foi que começou a usar o rapé. *“Na verdade, eu comecei usar o rapé, o rapé naquele tempo, minha mãeconhecia como simonte, ela fazia pra gente usar quando tava com gripe. Com o tempo já surgiu o nome de rapé.”*

Ela também fala que o seu irmão a incentivou a fazer o uso do rapé na adolescência.

Quando comecei usar com meu irmão era o simonti que não tinha fumo, era só a erva. E o rapé já é feito mais com fumo. Aí nós começo usar porque tinha meus parentes que sempre usavam. Até então eu não tinha essa curiosidade de usar. Um dia eu dei vontade aí quando eu usei o rapé a primeira vez me senti mau, com vômito, tontura, fiquei ruim, né, praticamente o dia todo. Só que daí, quando chegou no outro dia, acho que já tinha pegado o jeito. Aí comecei a usar de vez em quando.

No começo ela relata que usava o rapé simplesmente por usar, ou porque via alguém usando.

Porém eu usava o rapé como todo mundo usava, eu não sabia o significado do rapé, a gente usava mais porque via alguém usando. Até que eu comecei, né, pesquisar, conversar com os mais velhos, os pajé, pra saber qual era os benefícios do rapé. A partir desse dia pra cá eu me aprofundei mais no conhecimento sobre o rapé e comecei ver e usar de outra forma.

Outra coisa que ela cita que é muito importante são as diferenças do rapé, tem um rapé para usar em qualquer lugar com muitas pessoas. Mas tem um outro tipo de rapé para usar em momentos específicos e em momentos especiais.

Tem um rapé pra usar em qualquer lugar, mas tem aquele que eu uso em momento especial. Tem rapé pra usar no dia a dia, juntamente que a gente usa em qualquer lugar, na frente de qualquer um. Mas o outro a gente usa mais num momento de concentração. Uma

concentração muito maior, quando a gente não está com a cabeça muito bem, eu sempre costumo usar quando eu preciso concentrar pra fazer um trabalho ou alguma outra coisa.

As sensações do rapé são de diferentes formas e depende muito do tipo de rapé que você usa.

A sensação depende. Quando a gente tá usando um rapé que num é muito concentrado na erva a gente sente uma leveza e passa ligeiro. Agora do outro mais concentrado e com fumo a gente sente uma leveza maior e o corpo também fica leve e o efeito é bem maior, a gente desliga de um mundo pra outro. É uma sensação muito boa e diferente.

No ponto de vista de Dalene os homens e as mulheres usam o rapé da mesma forma.

Pelo meu entendimento os homens e as mulheres usam da mesma forma. Porque o que eu uso os homens também usam. A não ser que sejam ervas usadas mais pelas mulheres, ou ervas usadas mais pelos homens, vai depender do preparo do rapé, ou da erva e por qual situação cada um tá usando.

Dalene acredita que o rapé faz bem para todas as gerações desde criança até os anciões, porque o rapé tem muitos benefícios para a saúde.

Eu uso rapé na minha menina. Ela tem cinco anos de idade. Não deixo ela usar direto, né, como a gente usa. Quando ela tá com dor de cabeça, gripe, eu sempre aplico nela, não em grande quantidade porque contém fumo e pode fazer mau pra ela, mas eu sempre uso rapé na minha filha.

O uso do rapé durante a pandemia.

No tempo da pandemia foi o tempo que eu mais usei rapé. Ficava mais era dentro de casa, teve também a questão do estudo online. E a cabeça da gente não tinha muita concentração, então o tempo todinho a gente tava usando para fazer trabalho como forma de meditação também.



Figura 7: Josselma



Figura 8: Dona Severina, a Tia Siva

Conversa com Tia Siva

Dona Severina
É uma grande anciã
Excelente benzedeira
E produz rapé de outra maneira.

Só com ervas o rapé ela produz
Torrando na chapa do fogão
Pequenas quantidades
Não em grande produção.

Quando é necessário
Se faz o rapé
Para a pessoa doente
Se ela tiver fé.

Se faz rezando
E também cantando
É uma forma
De com os ancestrais ir conectando.

Ela é uma mulher
Que seus dons não conseguem repassar
Pois na hora disso acontecer
Ela começa a engasgar.

Aí nada pode
Ser compreendido
Não é questão
De deixar escondido.

É não ter licença
Para repassar
Pois de várias maneiras

Ela já tentou ensinar.

Poucas coisas

Ela pode falar

Pois seus guias

Não lhe permitem aprofundar.

É benzedeira

E também rezadeira

Além disso tudo

Já foi parteira.

De tudo ela

Faz um pouco

Reza sorte

E também fecha corpo.

Levanta arca caída

Tira sol e sereno

Uma arte aprendida

Por ela mesma adquirida.

Ela diz que

com ninguém aprendeu

Foi através de sonho revelado

Esses aprendizados.

Em uma conversa com tia Severina uma anciã da minha comunidade, pude perceber que o rapé vem sendo usado desde os nossos antigos. Ela me contou um pouco do seu uso no tempo em que ela era criança. Tia Severina conta também que aprendeu a fazer e usar o rapé com sua mãe, ele era muito utilizado antes para curar dores de cabeça, sinusite, entre outros.

Ela conta também que só faz o rapé em pequenas quantidades e não produz para pessoas que ela não conhece. Porque seu rapé é mais para indivíduos da sua família e consumo próprio.

Tia Severina faz vários benzimentos para curar muitos incômodos do corpo e da mente, levanta arca, benze sorte etc.

Há alguns anos atrás fui até a casa de tia Severina para levantar a arca, ela fez alguns benzimentos em mim, aí não me senti muito bem. Minha mãe e minha irmã que estavam comigo vieram embora e me deixaram lá para ela cuidar de mim. Eu tive um passamento e dormi muito, quando acordei ela já tinha feito alguns tipos de chá e nesse mesmo momento também preparou um pouco de rapé. Eu fiquei sob os cuidados dela até que meu chegasse para mim trazer pra casa.

Foi uma experiência muito boa, isso nunca tinha acontecido comigo. Na verdade, eu nem sabia que ela fazia rapé, foi a partir desse dia que tomei conhecimento e comecei a interessar pelo assunto.

Eu usei um pouco do rapé na casa dela e o outro restante que ficou levei para minha casa e continuei usando por alguns dias até acabar.

Essas experiências servem para a gente ter noção da nossa vida e do nosso pertencimento.

3-ACURA ATRAVÉS DAS PLANTAS

O rapé é uma medicina de sopro

E com ele a gente fica fortalecido
Despertando novos pensamentos e
Sentimentos adormecidos.

Tem rapé que é usado
Para viagem espiritualmente
Que a pessoa consegue
Perceber algo diferente.

Tem as variações de qualidade do rapé
Não é todas as plantas que vai servir
Por isso se trata de uma medicina de sopro
Na cura e na hora de produzir.

Pra cada situação
Tem um rapé especializado
Desde a tirada das plantas
E a forma que é preparado.

É necessário um preparo
Para os remédios da mata tirar
Tomando todos os cuidados
Para esse rapé as doenças curar.

O rapé purifica o corpo e a mente
Deixando com o corpo fechado
Cuidando de todas as partes
Tudo isso tem significado.

No preparado do rapé

Até os ventos é direcionado e favorecido

Para obter um bom resultado

E ter um rapé forte e enriquecido.

É importante os remédios

Serem tirados na semana

Para que saia um rapé

De qualidade bacana.

Eles precisam ser tirados tardinha

Ou de manhã isso é essencial

Respeitando os horários da

Medicina tradicional.

Também os dias fortes da semana

E pelas quadras de lua

Se não tiver esse cuidado na hora de

Torrar as ervas saem crua.

Não pode tirar qualquer hora

Porque a plantas sente

Tem que ser no horário certo

Não pode ser com sol quente.

Até mesmo a pessoa

Que vai tirar sente

Tendo dificuldade

Até ficando doente.

As plantas também

Podem adoecer

Dependendo da situação

Pode morrer.

É preciso o corpo tá preparado

Para melhorar concentração

Facilita a busca das plantas

E a retirada.

Para obter a cura o uso do rapé

Deve ser da forma indicada

Respeitando o intervalo de tempo

E não ser exagerado.

Não exagerar na quantidade

Fazer o uso adequadamente

Para não prejudicar a saúde

Deve ser usado corretamente.

Todos esses conjuntos de cuidados

Vem das antigas geração

Trazendo cura e fortaleza

Na nossa região.

Fazendo diversas curas

E transmitindo mensagens

Para o nosso povo

E mostrando miragens.

No processo do rapé
É necessário fazer avaliações
Das plantas medicinais
E suas combinações.

Avaliar quais as plantas
E qual problema podem tratar
Tomando cuidados
Na hora de misturar.

A medicina do sopro
É uma medicina que envolve muita ciência
Tendo vários tipos de cuidados
Para sua eficiência.

A origem do rapé
É um fator de qualidade
Quem fez de onde veio
Não importa a cidade.

Sempre é bom saber a indicação
Ou de quem foi comprado
Isso é muito importante
E deve ser considerado.

O rapé também nos ajuda
Das drogas libertar
Tirando esses vícios
E não deixa voltar.

Quando surgiu essas doenças diferentes
Percebeu que só através do vento podia melhorar
Então a medicina do sopro
Ganhou mais força e ajudando a curar.



Figura 9: Manjerona



Figura 10: laranja braba



Figura 11: hortelã



Figura 12: fumo



Figura 13: arruda



Figura 14: arconfor de horta



Figura 15: angico



Figura 16: Os rapés e os aplicadores (arquivo pessoal)



Figura 17: Os rapés e os aplicadores (arquivo pessoal)



Figura 18: Os rapés e os aplicadores (arquivo pessoal)

Considerações Finais

Este trabalho

Fiz com muita dificuldade

Falando do rapé

E sua diversidade.

Pude aprender

Que o rapé não é de hoje que está presente

Recebia outros nomes

Dos nossos parentes.

E através de entrevista

Meu conhecimento veio a crescer

Descobri muitas coisas

Que eu não tinha o saber.

Saber esse que

Não é do dia pra noite que é adquirido

Tem que ter paciência

Para saber das experiências.

Esse trabalho

Ficará registrado

No papel e na memória

O rapé e sua história.

História essa que foi contada

Pelos mais velhos do meu lugar

Eles têm muitos conhecimentos

A nos ensinar.

Sabendo que o rapé

Não é só usar

Tem história

E segredos pra guardar.

Nesse trabalho

Prepare a mente

Mesmo que você não use

Vai ficar ciente.

O rapé é ciência

E tradição

Não é de hoje

Vem de antes com nossos ancião.

Acompanhei o preparo

E a produção

Do rapé feito

Na minha região.

Pesquisei jovens

E também ancião

Para saber

Dessa tradição.

Não basta

Saber só o preparo

Tem que entender

Que nem tudo pode se revelar.

Adquiri novas

Experiências

Investigando um pouco

Dessa ciência.

Compreendi a forma certa de usar

E sua importância

Que muitos trazem

Desde a sua infância.

Isso é importante para meu povo

Pois faz parte da nossa cultura

Conhecimento esse que está sendo

Passando para a geração futura.

Concluí que o rapé

Não é importante apenas para uma parcela do povo

Mas para todos

Chamado de medicina do sopro.

Enfim consegui

Uma bagagem de conhecimentos

Através dos meus entrevistados

E seus ensinamentos.

Rapé esse

Abençoado

Para meu povo

Ele é sagrado.

Referências Bibliográficas

Livros vivosXakriabá











Figuras 19 a 28: Nossa cultura viva: crianças usando rapé